31 DEZ 1997

PROTESTO

Dr. Comércio

Comerciário faz fila para não pagar taxa ao sindicato

Marcello Xavier

Da equipe do Correio

Confusão na porta do Sindicato dos Empregados do Comércio do Distrito Federal. Empurra-empurra e ameaça de quebra-quebra. Foi preciso a presença de policiais militares para acalmar os ânimos das centenas de comerciários que se acotovelaram nos apertados corredores e escada do edifício José Severo, no Setor Comercial Sul. A fila se estendeu do quarto ao sétimo andar onde funciona a entidade.

Muitos comerciários chegaram cedo, por volta das 7h, para entregar um documento desautorizando o desconto de 5% sobre os salários de janeiro e fevereiro de 1998, referentes à contribuição assistencial. Com medo, funcionários do sindicato fecharam as portas e não atenderam ninguém. Foi preciso uma longa conversa para convencer a direção do sindicato.

Depois de quase uma hora de reunião a portas fechadas, a diretoria do sindicato aceitou receber as declarações contra o desconto dos que estavam no prédio. "Os comerciários tiveram dez dias (19 a 29/12) para fazer isso. Ainda abrimos uma exceção ontem (segunda-feira) para os retardatários", afirmou o diretor do sindicato Francisco Amadeu.

FALTA INCENTIVO

"Não me sinto representado por este sindicato. O que fazem por mim?", questionou Eloi Braz. Gerente de uma concessionária de veículos, Eloi reclamou da falta de incentivos profissionais. "Num mercado competitivo como esse, nunca vi o sindicato promover uma reciclagem dos profissionais", afirmou.

Os comerciários afirmaram que as declarações contra o desconto poderiam ser entregues até o dia 31 (hoje) e, de última hora, o sindicato mudou o cronograma. "Agora eles querem nos enganar", disse o vendedor Jaques Douglas.

A vendedora Gildazira Holanda, 34 anos, disse que todos os anos a confusão se repete. Só que este ano foi ainda pior. O sindicato não aceitou cartas enviadas pelos departamentos pessoais das empresas. Os trabalhadores foram obrigados a entregar pessoalmente. E mais: as cartas deveriam ser escritas à mão e em três vias.

FALTA DE TEMPO

"O sindicato deveria dar um prazo maior. Ainda mais que em dezembro trabalhamos dobrado e ficamos sem tempo", comentou. Mais exaltada, Ana Maria Sabóia, 25 anos, bradava: "É um direito nosso. Temos o direito de optar pela não contribuição." Mas Francisco Amadeu disse que não há desculpa para o atraso: "As empresas sempre dão uma brecha para os funcionários virem ao sindicato."

Ana Alves da Silva, 48 anos, não é contra a contribuição sindical. Apenas discorda do valor descontado no contracheque. "Para quem ganha por comissão fica pesado descontar 10%", comentou. Ana sugeriu um desconto menor, em torno de 2%. "Tenho certeza que dessa forma as pessoas não iriam se importar. Talvez nem pedissem o reembolso do dinheiro", avaliou.

A comerciária Vanusa de Melo, 29 anos, foi surpreendida ao ser barrada por policiais militares e não ser atendida. "O sindicato está se negando a receber a opção dos empregados do comércio", comentou. Os comerciários devem retornar à sede do sindicato para receber a segunda via da cartaproposição protocolada. É a garantia que o salário não vai ficar mais curto nos próximos dois meses.

CORREIO BRAZILIENSE